

A ESTRADA E O RETORNO EM *DÔRA, DORALINA*, DE RACHEL DE QUEIROZ¹

Maria Eveuma de Oliveira (UERN)²
Manoel Freire (UERN)³

Resumo: *Este artigo procura mostrar como a protagonista da obra Dôra, Doralina (1975), de Rachel de Queiroz, constrói sua identidade no percurso da estrada com a vida errante que ela escolhe para si. Observa-se que algumas pessoas mantêm seu trajeto em uma única linha, conservando a mesma identidade a vida toda, outras vão mudando de linhas em determinados tempos, compondo suas singularidades e conhecendo outras maneiras de estar no mundo. Para Peixoto (1987), o viajante reescreve uma história em cada lugar que passa, apesar de sentir um enorme desejo de encontrar onde ficar, onde possa criar raízes que lhe sirvam como uma referência de origem.*

Palavras-chave: estrada; identidade; retorno.

Considerações iniciais

O que meu coração pedia era conhecer o mundo.
(Rachel de Queiroz)

Em uma narrativa autodiegética, Dôra vai trazendo o passado para o presente, a conta gotas, incitando a curiosidade do leitor. Primeiro, os fatos ocorridos num

¹ Este trabalho constitui parte de um capítulo da dissertação de mestrado que tem como título provisório *A representação do andarilho em Dôra, Doralina*, em fase de elaboração, trabalho que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Pau dos Ferros).

² Aluna do Mestrado em Letras de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Pau dos Ferros). Mestranda. E-mail: mariaeveuma@bol.com.br.

³ Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Pau dos Ferros). Doutor. E-mail: manoelfrr@gmail.com.

passado distante; depois, os mais dolorosos, que lhe trazem, ainda, um gosto amargo à boca. Os acontecimentos passados vão se sobrepondo uns aos outros como numa pilha de papel. Vez por outra a protagonista escolhe uma folha do meio da pilha, modificando a ordem em que estavam inseridas. Ora surge o passado remoto, ora o presente, ora o passado recente, segundo a ordem em que vêm à mente da personagem narradora.

Doralina tece sua vida nas relações com a sociedade, a terra, a migração, os homens e o tempo. Segundo sua inventora, Rachel de Queiroz, é sua “personagem mais complicada” (Hollanda 2005: 25), a narração de sua vida não é linear e sim tecida nos espaços da solidão, das traições, das lembranças e do luto. Sente que, na vida, dor e alegria se gastam com o tempo. Aprendeu a tirar o luto para realizar suas viagens.

Escritora de linhagem humanista, Rachel de Queiroz revela em seu universo literário a crença de que o humano se caracteriza pela vida do espírito, aquela que decide, no íntimo sentir de cada um, o verdadeiro valor das coisas, pois reduzidas a si mesmas, elas não valem nada. Consciente de que toda mudança estrutural, em qualquer sistema social, depende visceralmente de mudanças profundas na consciência ou mentalidade de cada indivíduo, cria um universo dramático, mas fundamentalmente permeado por uma intensa paixão pela vida e sede de comunhão humana.

Podemos afirmar que a memória desempenha importante papel na criação de Rachel de Queiroz, que, a partir da expressividade da linguagem, transfigura espaços geo-históricos, dando-lhes novos significados. São inúmeros os elementos que se referem, explicitamente, a uma situação no tempo e no espaço, efetuando uma espécie de ponte entre o texto e o leitor, com o intuito de produzir a ilusão do real.

Em *Dôra*, *Doralina*, observamos a dimensão simbólica do indivíduo em retornar para casa, é o momento do resgate da identidade da personagem, pois, a mesma afirma: “O círculo se fechou, a cobra mordeu o rabo: eu acabei voltando para a Soledade. Voltava sozinha, voltava de vez. E era diferente” (Queiroz 2004: 402).

Ao fim, *Dôra* retorna. A viagem a uma terra onde o primitivo se perpetua parece significar regeneração espiritual, renovação de um novo tempo na fazenda Soledade, o encontro da personagem consigo mesma.

1. A personagem e a estrada: a vida é um constante movimento

Antes de serem marcos físico ou natural, as fronteiras são, sobretudo, o produto da capacidade imaginária de refugiar-se da realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais que guiam o olhar e a apreciação, por intermédio dos quais os homens e as mulheres percebem e qualificam a si mesmos, o corpo social, o espaço e o próprio tempo, pois as fronteiras que separavam Maria das Dores da Soledade estavam mais em um plano psicológico do que mesmo em um plano físico. É assim que Doralina segue sua vida sempre num espaço paralelo entre o passado e o presente, buscando, através da sua identidade, mesmo que inconscientemente, projetar-se para um futuro que ela jamais pensara, pois, de forma simbólica, morrerá para se transformar na Outra.

A vida é um constante movimento, “estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (Costa 2004: 138). E é exatamente o que a personagem Doralina faz: “De menina vinha me preparando, criando coragem para aquela aventura. [...] Teatro! Mas teatro de verdade: Comédia, balé, opereta, com artistas do Rio de Janeiro, no teatro José de Alencar, Fortaleza” (Queiroz 2004: 113-114). No texto essa é a primeira saída da protagonista de seu espaço natural, para a qual ela se vale desculpa de ir ao dentista, mas, na verdade, Doralina vai ao teatro todos os dias em que esteve na capital cearense com Dona Loura, dona da pensão em que estava hospedada. “Andaria eu pelos meus vinte anos quando pela primeira vez me hospedei – sozinha- na pensão de D. Loura” (Queiroz 2004: 113).

O pretexto da viagem era o dentista, mas na verdade ela estava se “arriscando a uma expedição muito séria” (Queiroz 2004: 113). D. Loura se tornara sua cúmplice maior nessas aventuras já que era também apaixonada por teatro. Para conseguir seu intento sem que Senhora desconfiasse, Doralina arrancou a obturação com uma agulha grossa, essa é uma das estratégias da protagonista para alcançar seu objetivo. A menina Maria das Dores era tão entusiasmada pelo teatro que recortava os anúncios das propagandas das temporadas teatrais: “Eu recortava aqueles anúncios, até parecia mocinha apaixonada que recorta e guarda soneto de amor” (Queiroz 2004: 114).

Ao sair da Fazenda após a morte de Laurindo, Dôra, acompanhada somente do seu vazio e da sua dor vai à capital morar na pensão de Dona Loura. Maria das Dores se sentia estranha na sua própria terra, por isso começa uma vida errante em busca de uma identidade e um lugar. Um indivíduo em movimento deixa tudo para trás, em ruínas, assim como estava sua alma, e converte o que vem pela frente em cenários.

Ao sair da Soledade, após a morte de Laurindo, acompanhada de sua dor, Doralina realizará o seu desejo de infância, que era conhecer o mundo. Afinal, as amarras estavam desfeitas. De suas trilhas e caminhos, doravante, ela mesma vai cuidar. E vestida de azul atravessa a Aroeiras em busca de sua liberdade uma nova vida. É com esta obstinação que sai de casa em busca de seu destino: “Tirei o luto para a viagem. Se pudesse tirava a pele, arrancava os cabelos, saía em carne viva” (Queiroz 2004: 109). Marcada pela dor da traição, Maria das Dores sai rumo ao desconhecido viver uma vida totalmente errante; longe do seu lugar, longe da sua gente.

Ao chegar à pensão, D. Loura estranhou não vê-la de luto e Doralina explicou que tinha horror e diziam a Dôra, que o pai dela também era assim nem luto pela mãe dele botou, e naquele tempo! “Dor já basta o que nos rói por dentro, pra que a gente se sufocar em preto? [...] É, luto é mais religião, e você nunca foi religiosa. Além disso, não tem filho – filho é que acha ruim essas coisas” (Queiroz 2004: 121-122).

O luto para Dôra não tinha importância nem sentido já que não amava Laurindo; pois só carregava em si a dor da traição e o vazio que o azul do seu vestido representava naquele momento. Vazio este que Dôra carregaria por longos anos. Até o aparecimento do Comandante, o amor de sua vida.

A personagem não usou o preto que era costume das mulheres da sociedade da época. O luto representa a solidão, a partida de alguém a quem ama. Também

serve para muitas pessoas como afirmação de um estado de espírito, diferentemente do que Dôra estava sentindo. Seu único sentimento era a dor que carregava no peito pela traição que descobrira dias antes. Por isso, optou não pelo luto, mas sim, pelo seu vestido azul. Segundo o *Dicionário de Símbolos* (2009), a cor azul representa:

O caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário. Acaso não é o azul a cor do pássaro da felicidade, o pássaro azul, inacessível embora tão próximo? O azul claro é o caminho da divagação, e quando ele se escurece, de acordo com sua tendência natural, torna-se o caminho do sonho. O pensamento consciente, nesse momento, vai pouco a pouco cedendo lugar ao inconsciente, do mesmo modo que a luz do dia vai-se tornando insensivelmente a luz da noite, o azul da noite. Domínio, ou antes, clima da irrealidade – ou da super-realidade – imóvel, o azul resolve em si mesmo as contradições, as alternâncias – tal como a do dia e da noite – que dão ritmo à vida humana. Impávido, indiferente, não estando em nenhum outro lugar a não ser em si mesmo, o azul não é deste mundo; sugere uma ideia de eternidade tranquila e altaneira, que é sobre humana – ou inumana. [...] é a um só tempo movimento de afastamento do homem e movimento dirigido unicamente para seu próprio centro que, no entanto, atrai o homem para o infinito e desperta-lhe um desejo de pureza e uma sede de sobrenatural (Chevalier; Gheerbrant 2009: 107).

Era exatamente assim que Maria das Dores se sentia, como um pássaro em liberdade, mas, ao mesmo tempo, imóvel, indiferente e estranha, com a dor que carregava. De todo modo, sentia o controle e o domínio de sua vida em suas mãos, pois era chegado o momento da partida, não tinha mais o que esperar, afinal, era o momento decisivo da sua vida, de se libertar da opressão de Senhora, ir à busca dos seus sonhos, e, como ela sempre sonhara, “conhecer o mundo”. Ela agora tinha as chaves das portas do seu destino. Nada e nem ninguém iria lhe impedir. E foi assim que atravessara a Fazenda Soledade, onde só voltou depois da morte da mãe, quando retorna para assumir o posto de senhora da Soledade, posto este ocupado por sua mãe anteriormente.

A protagonista, ao sair de casa, procura não mais lembrar-se de nada que a prendesse àquele lugar, por isso tenta reconstruir sua vida em novos territórios, junto à Companhia de Teatro. E é exatamente o que a personagem faz. Traída e sem rumo, Dôra sai em busca de seus sonhos e de novas aventuras. Sua nova vida lhe trará novos laços, novas amizades, uma nova família e um grande amor.

Ela queria abandonar por definitivo tudo. Esquecer o que passou, embora o fio da memória estivesse sempre em contato com o seu passado, pois sempre vinham, em alguns momentos, as lembranças daquele tempo. De vez em quando ela se lembrava da Soledade, era como se houvesse algo que a prendesse àqueles pensamentos. Assim, Dôra parte para criar o futuro, com “os alicerces de um passado que não se esvai, mas que é constantemente recriado, com nossa aldeia na memória” (Costa 2004: 17). Novamente, através da memória, Doralina vai revivendo as

lembranças do seu passado ligando-o sempre ao presente. É o que observamos na seguinte passagem:

Trenzinho pequeno, carros iguais àquele em que a gente andava lá em casa, nas Aroeiras. O condutor lembrava muito um conhecido nosso, zarolho, mas era outro. Tão parecido, contudo, que se diria um parente. Meu deu aquela tristeza, saudade, desgosto, sei lá; enchi os olhos d'água (Queiroz 2004: 175).

É a memória o fio condutor da narrativa, que traz as lembranças de Maria das Dores, fazendo com que esta refaça seus percursos mais distantes e mais precisos através do texto narrado. É a memória que traz sempre à tona, no íntimo de sua alma, suas lembranças, dores e sofrimentos. Traz sempre presa a si não só a Fazenda Soledade como também a figura de Senhora, tão emblemática e poderosa, fazendo com que Doralina não consiga se livrar dela nem mesmo em seus pensamentos.

Assim, Dôra vai se lembrando da sua casa. Agora nesse novo caminho, distante do seu berço natal, a saudade surge em meio à paisagem e o movimento da estrada. É a saudade que perpassa a vida da protagonista, que, em determinados lugares, revive alguns momentos na Fazenda. É o seu torrão natal, através das suas lembranças, que fala mais alto. Ao avistar o condutor, no trem, relembra não só um conhecido, como também o trem pequeno e os carros que esta andava outrora nas Aroeiras; dessa passagem podemos observar que este é um dos momentos cíclicos na vida de Doralina. Ela ainda passará por outros iguais, não só no “reviver das coisas”, mas nas suas lembranças e nas suas vivências.

E nessa nova aventura junto à Companhia, Maria das Dores vai conhecendo novas pessoas, novos lugares, através da estrada percorrerão novos caminhos:

Agora, ali no Recife, a gente convivia mais com Seu Ladislau e era ele que nos acompanhava nas temporadas-relâmpago pelo interior. E foi ele que começou a maquinar um projeto de nos levar ao Rio por terra. A ideia era ir de trem até a ponta da linha em Rio Branco, e de lá se tomava a condução de carro a Petrolina. Em Petrolina, que fica defronte a Juazeiro da Bahia, do outro lado do rio São Francisco, se tomaria um vapor. [...] Eu, pra mim, eram tudo novidades (Queiroz 2004: 169-170-172).

Dôra, Doralina a cada dia se distancia, ainda mais, do seu lugar de origem. Seja por terra, seja através do rio, não importava onde ela iria chegar. Queria manter distância daquilo que para ela não passava de lembranças que gostaria de esquecer e apagar em definitivo da sua vida: “Mas essa procura de um lugar o leva a partir. Ir cada vez mais longe. O reencontro de si mesmo só pode se fazer através de uma viagem. É preciso estar distante para ser alguém. Não ter casa para estar mais consigo mesmo” (Peixoto 1987: 81). Maria das Dores precisava sair para percorrer novos territórios como forma de reconstrução de sua identidade.

É notório, pela narrativa, que a personagem cada vez mais se afasta do seu território, pois a cada partida ela se desprende ainda mais do seu torrão, que é a

Fazenda Soledade. Nesse sentido, podemos afirmar que aquela sucessão de partidas e retornos pela qual esses indivíduos tomados de inquietude constituíram um território para suas existências móveis, se rompe num só movimento para longe. Converte-se, portanto, em uma linha de fuga. É assim que Dôra quer esquecer a sua dor e o seu sofrimento fugindo do seu passado, do seu território.

Ao sair de casa sem rumo, queria esquecer tudo que lhe acontecera, partir para muito longe. A única certeza que tem é a estrada a seguir, pois esta será naquele momento sua única companheira. São as trilhas da vida que ela percorre, tanto no sentido real quando no figurado, pois sua vida estaria sempre ligada a Soledade, através da estrada e de sua alma que estava enraizada naquele lugar. Doralina vai até o fim da estrada, que é quando esta perde o amor da sua vida, o seu Comandante, e retorna mais uma vez para o lugar que sempre fora dela, a Fazenda Soledade.

Nessa nova vida Maria das Dores quer desaparecer, tornar-se desconhecida. Partindo para longe em uma viagem muito longa quer se movimentar. Afinal, quer buscar saídas, criar válvulas de escape, abrir caminhos. Partir em busca de sua liberdade acreditando poder esquecer o seu passado e desprender-se de tudo que a fizera sofrer, inclusive, esquecer sua dor que marcara sua vida e sua alma.

Viajar é traçar uma linha, quem resolve partir se põe em movimento, abre caminhos, percorre o espaço. A viagem é um processo de desenraizamento, construção de uma nova cartografia. Tudo é partida, evasão, passagem. Doralina quer ir o mais longe que puder para superar sua dor. Dôra se tornara uma viajante na sua vida e nos seus pensamentos, por isso é interessante destacar a seguinte afirmativa:

O homem que vai para longe opera segundo linhas geográficas: marcha para o Oeste, visão de fronteira como algo a atingir, empurrar mais para frente, superar. [...] Procuram criar uma imensidão em que possam ficar longe. Estabelecer uma distância com o que deixaram para trás, na qual se constituem como viajantes, como aqueles que partiram. Permanentemente estrangeiros (Peixoto 1987: 81-82).

Maria das Dores sempre estará de volta à estrada, executando a tarefa básica: se mover. Viajar não é uma forma de chegar a algum lugar, mas de deixar para trás tudo aquilo que torna a vida insuportável. A estrada tem de levar cada vez mais longe. Até onde der, enquanto tiver espaço para ser percorrido. Conhecerá o país na vida errante que optara, viverá uma vida de aventuras, de encontros e reencontros, onde seu maior reencontro é consigo mesma.

Segundo Peixoto (1987), todas as relações entre viajantes são o resultado desta constante mudança de lugar. Espaço e movimento determinam o comportamento deles. Estão sempre esperando ou indo encontrar o outro, ficando juntos ou se separando. Daí o clímax de suas amizades se darem sempre quando do empreendimento de um trajeto comum, ao atingirem o ponto mais distante. É quando têm a sensação de estarem na mesma rota, de terem chegado juntos no mais distante e isolado dos lugares. Eles estão repartindo sua perdição e solidão. Só na estrada é que podem alcançar isso. Como se o sentimento de ser alguém e de ter um lugar fosse para eles a conquista de um movimento permanente através de uma

irredutível geografia. Doralina nessa vida que escolhera, no espaço da estrada, junto à Companhia, encontrará amigos verdadeiros onde formarão laços que jamais serão desfeitos.

Esse homem de lugar nenhum, essa figura errante é também aquele que quer se estabelecer. Aquele que nunca para, sonha em arranjar sua vida, cuidar do seu jardim, ter onde ficar. Homens decididos a tudo para terem seu lugar. Nessa caminhada Doralina encontra o amor da sua vida e constrói raízes sólidas que só serão arrancadas com a morte.

Maria das Dores está à vontade nesse mundo sem fronteiras. A estrada integra todos na mesma imensidão. Só um trauma qualquer romperia seus vínculos e a afastaria da sua terra:

Mal sabia ela que a minha saída de casa não tinha sido um desgosto dos que passam. Que eu tinha cortado o cordão do umbigo que me prendia à Soledade para sempre e nunca mais. Da Soledade e a sua dona, eu agora só queria a distância e as poucas lembranças (Queiroz 2004: 121).

É assim que Doralina sai da Fazenda, com a angústia da dor da traição. Esquecer seria o melhor caminho. Nada mais a faria voltar àquele lugar, pois daqueles momentos vividos só queria deixar no esquecimento. Encontrar um novo caminho era a melhor saída. Criar uma linha de fuga que a levasse para um lugar distante onde ela pudesse esquecer sua dor.

A protagonista enquanto viajante e solitária não quer ser reconhecida. Seus gestos e movimentos, em meio a tantas idas e vindas, não revela nada de sua identidade, queria encontrar um lugar onde sua presença poderia ser discreta. Dôra não quer ser reconhecida e para isto inventa uma história como sendo outra pessoa, em outro lugar. É pertinente o pensamento de Peixoto quando este afirma:

Mas isso não ajudaria a cobrir o vazio da vida deles. Viajar é uma experiência muito triste: leva a lugares onde se será automaticamente excluído porque se é intruso. Só aumenta o deslocamento desses seres solitários. Fugir para outros lugares não a levaria a se encontrar. Uma substituição de identidade não é equivalente a um renascimento num outro lugar. Não se pode ser outro (Peixoto 1987: 140-141).

Mas, Maria das Dores precisava ficar no anonimato com medo que alguém a reconhecesse, afinal ela era filha de Senhora, por isso Seu Brandini a apresentou como uma moça mineira que tinha ido morar no Rio quando criança (esse era o caso de Estrela); e era filha de um alto funcionário, mas tinha o teatro no sangue e, em menina, representava com os irmãos, fazendo palco na mesa de jantar. Mocinha, lutara duramente para convencer os pais a lhe deixarem seguir a sua vocação irresistível. Hoje, reconciliada, sua família se orgulhava dos seus êxitos.

Mesmo estando longe e criando uma nova identidade, dentro da Companhia, Doralina não seria outra de forma alguma. Ao tentar construir uma nova identidade, ela está só reforçando o seu desenraizamento. Afinal, quer suprimir por completo toda lembrança, todo passado, toda identidade; por mais que ela quisesse era

impossível ser outra, mesmo que não quisesse ser reconhecida, Maria das Dores tinha sua vida e sua alma presas à Fazenda Soledade.

A viagem de Doralina se configura então como um percurso conflitante, pois sua memória estará sempre ligada à Soledade, através das cartas de Xavinha, seu elo que também não é rompido com a Fazenda. O que a motiva é uma vontade não apenas de mudar de nome, mas de ser alguém inteiramente diferente. Mudar de mundo. Mesmo nesse mundo onde tudo é escuridão, onde coisas e pessoas se perdem, não é possível desaparecer. Essas identidades tão bem construídas também terminam por desmoronar.

2. Escolhendo um caminho novo: Doralina e a Companhia de Teatro

Já fazia meses que Dôra morava com D. Loura e só sabia notícias da Soledade por algum bilhete de Xavinha, a que ela não respondia, quando chegou à cidade, para a sua temporada anual, a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho. Seu Brandini e Estrela eram os donos da Companhia de Teatro. Nesse momento aparecem duas figuras importantes na vida da protagonista, duas pessoas que acompanharão a personagem na sua vida errante junto à Companhia.

Transformada em atriz de variedades, usando o nome artístico de Nely Sorel, Dôra vai completar sua aprendizagem em um ambiente totalmente oposto a seu universo existencial. Doralina começa um novo trabalho, onde realiza um sonho, pois desde criança queria ser atriz. Agora como a mais nova integrante da Companhia foi viver uma nova vida.

A moça tímida, ex-aluna de um colégio de freiras, recém-saída “de um cárcere privado no meio dos matos” (Queiroz 2004: 77), vê-se de repente transportada para o mundo do teatro, que, de certa forma, torna-se um lenitivo para seu sofrimento e decepção. Dôra renasce através da atriz mambembe para um novo caminho, um novo mundo de aventuras em cada lugar que passará como andarilha.

Sabemos que as temporadas do grupo de teatro não são determinadas por contrato: o que estabelece o tempo de permanência em uma cidade é a bilheteria: logo que se esgotam as possibilidades de lucro, muda-se, imediatamente, para outro lugar, em uma verdadeira via-sacra; com Doralina e a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho, não era diferente, pois com o início da guerra, a situação tornara-se mais difícil, e a solução era recorrer a cidades do interior. A situação saíra do controle, quando o navio em que viajavam para Minas Gerais foi torpedeado. O grupo recorreu a vários meios de transportes para chegar ao seu destino: um trem levaria-os a Recife e depois a Rio Branco; de lá viajam em dois caminhões para Petrolina e Juazeiro da Bahia, onde embarcam em um vapor para Pirapora, Minas. Maria das Dores tem sua nova vida marcada totalmente por deslocamentos e movimento. Podemos verificar que a vida dela estava em constante mudança, pois não mudava só suas rotas a serem percorridas, mas a forma como faria esse novo caminho: representando, portanto, as metáforas do passar do tempo, seja na estrada seja através do rio; o rio assim como a vida dela seguia seu curso calmo e solitário.

Eis alguns percursos que a protagonista fez junto a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho na sua vida andarilha:

Eu falo assim em Maranhão, Belém, Manaus, Natal, talvez até confundindo um pouco, porque em vida de teatro – mambembe, diga-se logo – a gente até perde a noção dos lugares. [...] Eu podia ficar recordando assim: em São Luís foi o lugar onde aquele comerciante gordo me mandou um cartão com uma pulseira, depois me mandou outro cartão convidando para um passeio de barco; eu não fui e ele queria que eu devolvesse a pulseira. [...] Em Natal teve o problema com a dona do hotel e teve a entorse de D. Pepa que ficou sem poder andar. Em Fortaleza a nossa chegada era uma festa. D. Loura com Osvaldina e até o telegrafista tinha nos ido receber na Ponte Metálica. No Recife, logo de saída foi tudo muito bem; pra mim aquela vida já tinha virado rotina (Queiroz 2004: 150-155-159).

E assim Doralina vai conhecendo o país através da Companhia de teatro. Era o sonho de infância que ela realizava como a atriz que ora se tornara. Ela finalmente conhece o mundo através do seu trabalho: “[...] nos tempos em que a Companhia Brandini Filho parava na cidade era como se um vento alegre soprasse pela pensão, animando tudo” (Queiroz 2004: 126). A aventura e a alegria se apresentavam na vida de Dôra ao lado dos integrantes do teatro mambembe.

Na narrativa, essas viagens são carregadas de lirismo e melancolia, criadas por paisagens que correm pela estrada: “Lá estava a estrada dos romeiros que iam para o Canindé. Lá se passou a grande ponte do Choró que meu avô tinha trabalhado nela” (Queiroz 2004: 371), pois todo itinerário da personagem se desenrola na estrada e ao longo do Rio São Francisco, metáforas do passar do tempo, da inexorável perda das coisas e das pessoas. Nesses percursos o ser vai se mostrando sempre em movimento.

As lembranças de Dôra estão sempre presentes em sua vida, desde sua infância. No momento em que ela retorna, estas estão mais vivas na sua memória. É como se um turbilhão de lembranças povoasse a sua mente. A estrada aqui representa o fio da memória que liga Maria das Dores a suas raízes.

Com a Companhia na vida de Dôra se formaram novos laços. Laços unidos pela amizade e pelo amor, e que jamais se desenlaçarão. É com a Companhia que Dôra, numa viagem de navio, conhece o Comandante, grande amor de sua vida. Este está presente em toda a narrativa desde o primeiro livro ao último, afinal a narrativa é toda um emaranhado de lembranças que se ligam pelo fio da memória. Lembrando-nos em sua crônica “Memórias” sobre o enredo de seus romances a autora afirma:

Sempre senti que às minhas histórias faltava essa coisa básica do romance que é o enredo. Um sistema compacto de narrativa, tal um rio no seu curso. Comigo é como uma paisagem de lagoas: poça de água aqui, poça de água ali, tudo salteado, descombinado, sem continuidade – e mormente sem a força de corrente que o rio tem. Água parada (Queiroz *apud* Hollanda 2005: 27).

Dôra, Doralina (1975) é um romance em movimento, assim como sua protagonista. Tem seu enredo “salteado”, como diz Rachel de Queiroz, embora não

venha em uma sequência cronológica, até porque foi escrito em cinco décadas subsequentes (anos 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970), a narrativa se desenvolve conforme as lembranças da narradora, tornando-se um elo constituído pelo fio da memória. Ora um presente recente, ora um passado distante. E assim, a personagem narradora vai tecendo o enredo conforme suas lembranças.

O passado lembrado não é linear. A narração avança e recua sobre a linha do tempo, como que transbordando a finitude espaço-temporal que é própria dos acontecimentos vividos (Benjamin 1989: 37). As lembranças abrem as portas para o que veio antes e depois. Uma recordação chama outra, compondo uma teia de memórias mais ou menos singular, cuja textura se alinhava pela maneira como cada memorialista recolhe e amarra as imagens pregressas e busca sua significação. É exatamente assim que se configura o enredo do romance *Dôra, Doralina* através da memória da protagonista que relembra seu passado, aliando ao presente de forma que estes formarão uma teia que certamente irá influenciar nas suas decisões e comportamentos futuros.

A narradora-personagem busca, através das suas lembranças, dar ao texto narrado sua forma e conteúdo para que a narrativa flua na sua elaboração de pensamento. Doralina procura construir através de sua memória o enredo da sua vida: desde as lembranças mais doloridas às lembranças mais prazerosas. A dor que esta carregará até o dia em que conheceu o seu Comandante até o momento em que esta dor reaparecerá também com a morte dele. Afinal, como ela afirma no início do texto: “dor se gasta com o tempo”. É nessa vivência da dor que Dôra fará o seu trajeto: desde a sua saída da Fazenda, após a morte de Laurindo; a sua opção por uma vida andarilha em busca de sua realização pessoal e a sua busca pela liberdade até o seu retorno final como senhora da Soledade.

Era o seu espaço psicológico que vivia sempre em conflito com o seu espaço físico, ou seja, suas lembranças e sua insegurança, traços marcantes da sua identidade, resquícios da forma como fora criada pelo sistema patriarcal da época que impunha regras se contrapondo a sua nova condição de viúva que, livre das amarras anteriormente estabelecidas, viviam em constante conflito; isso evidentemente dentro do plano psicológico da narradora-personagem.

Doralina por mais que quisesse esquecer-se do seu passado, não conseguia, porque a razão que a faziase distanciar, ela não tinha como escondê-la, porque estava enraizada na sua alma, de forma espiritual. Enquanto que seu desenraizamento era material, porque a sua tragédia pessoal a afastava cada vez mais do seu espaço natural: “[...] mas, inconscientemente, colocava nesses lugares as cenas do drama monstruoso que se elaborava na sua pequena alma oprimida” (Benjamin 1989: 213). Não tinha como fugir de sua tragédia espiritual, pois o que separa Dôra da Fazenda é esse drama que ela carregará até a morte do seu Comandante: a traição vil de sua mãe e do seu finado marido Laurindo.

3. O retorno da senhora da Soledade

Depois de muitas andanças e outras vivências Doralina era outra pessoa: conheceu o Comandante, o amor da sua vida, em uma das suas viagens de navio. É

onde tudo se passa, no navio em movimento, aonde todas as coisas vão embora. Dôra não é mais capaz de tomar qualquer iniciativa. Foi completamente tomada pela paixão em que se deixara envolver, completamente dominada pela personalidade do outro. É a partir da entrada de Amosdeu, o Comandante, que ela encontra seu porto seguro.

Ele explica ao grupo principal da Companhia de Teatro - Sr. Brandini, Estrela, Dôra, D. Pepe, Odair, Araci e Seu Ladislau - o significado do seu nome:

- Justamente, é um demônio. E recitou: - ASMODEU, entidade diabólica que figura no livro de Tobias como sendo o demônio dos prazeres impuros... Também tem sido chamado 'o diabo coxo'. Levanta os telhados das casas e descobre os segredos dos seus habitantes (Queiroz 2004: 231, grifos da autora).

Doralina o conhece em uma viagem de navio e assim ele aparece na vida dela, assim como o navio, sempre em movimento. O comandante, cujo trabalho é de realizar travessias, levar e trazer passageiros de uma margem a outra quando na inexistência de pontes, ao facilitar a travessia de fronteiras fará Dôra realizar sua grande travessia amorosa, pois ele é quem conduzirá Maria das Dores para transpor as próprias fronteiras da vida.

O navio separava os seus passageiros através de duas margens: o ponto de partida e o ponto de chegada. A vida de Doralina também estava sempre separada por duas margens: num primeiro momento - a traição e a vida errante que ela teria que seguir; num segundo momento - teria que escolher entre a Companhia e o seu Comandante; e num terceiro momento - ficar no Rio de Janeiro sem o Comandante ou retornar à fazenda Soledade. E assim Dôra seguia seu curso naquele navio que no momento representava o lugar dos seus sonhos já que estava ao lado do amor de sua vida.

Os dois vão morar juntos, no Rio de Janeiro. Dorita, como às vezes ele a chamava, deixa seu emprego na Companhia e passa a cuidar do lar e do "seu Comandante". Anos depois, após a morte de Amosdeu, ela perdida sem rumo, sentia-se uma estrangeira no meio dos outros, resolve voltar para a fazenda, cuidar do que era seu.

Então, ela foi embora outra vez. Fez o que tinha de fazer, mas isso a condena a uma solidão ainda maior, a lutar suas batalhas particulares, a exorcizar seus demônios interiores:

[...] Mal cheguei, fui sentido que a cinza de Senhora estava fria; ferida e maltratada como eu vinha, não precisava de me esconder, podia me agasalhar no borrarho velho, sem medo das brasas vivas. E tudo ali livre - ou privado? - da mão dela, começava a se deteriorar, devagarinho (Queiroz 2004: 402).

Ao retornar, a protagonista percebe que mesmo com a "presença viva" de Senhora naquele lugar, agora só restavam as cinzas e estas já estavam frias, pois tudo

começava a se deteriorar. Afinal, como ela afirma “dor e alegria se gastam com o tempo” (Queiroz 2004: 14).

Hoje ao retornar para Soledade ela tem uma certeza: “Se a menina que eu já fui faz mais de vinte anos e o retrato registrou, hoje está perdida, sepultada no tempo, tal como na morte – sim, que dirá então quem já morreu?” (Queiroz 2004: 412). Percebe que o tempo transformou-a em outra pessoa. Embora tenha voltado para Soledade para assumir seu lugar como Dona, jamais pensara estar ali, pois tudo o que ela mais repudiava era a posição de Senhora, condição outrora assumida por sua mãe.

Embora a gente se renove como todo mundo, tudo no mundo que não se repete jamais – pode parecer que é o mesmo, mas são tudo outros [...] nada volta mais, nem se quer as ondas do mar voltam; a água é outra em cada onda, a água da maré alta se embebe na areia onde se filtra, e a outra onda que vem é água nova, caída das nuvens da chuva (Queiroz 2004: 14).

Observamos através da fala da personagem que esta reflete a transformação da sua identidade depois que percorreu outros caminhos, mostrando que o tempo é capaz de mudar e transformar as pessoas. Usa a metáfora das águas para comprovar isso.

Dôra, Doralina, fora muito longe, mas suas raízes estavam ali. Voltou só para cumprir sua tarefa, para reconstruir a Soledade e o lar que era seu. Sua deriva teve fim. Voltou para renascer, para garantir o seu futuro. Afinal, a fazenda era o único lugar que era seu por direito. Finalmente, o passado ficara para trás, como se não tivesse havido ausência, como se o tempo não tivesse decorrido e os anos de separação foram esquecidos.

Voltou para retomar o seu lugar e preservar sua condição de Senhora. Daí sua tragédia: o retorno à fazenda, onde ela teve de destruir a si mesma para se libertar da própria sombra. Ela só se torna Senhora através de um suicídio simbólico, eliminando aquela mulher que espelhava tudo o que tinha sido até então. Depois disso, jamais será o que queria ser. Apenas cumpre seu papel de Senhora e dona da Soledade. Retornou para sua casa, seu ninho, resgatar suas origens, sua terra. Doralina volta para recuperar sua tradição, sua condição de sujeito.

O final do romance *Dôra, Doralina* é simbólico: Zé Amador, o novo vaqueiro, filho do velho vaqueiro, Antônio Amador, conduz uma novilha que acabou de dar a primeira cria, e seu bezerro. Por causa da cor vermelha, ela parece ser “neta” da vaca Garapu, predileta de Dôra, recebendo assim, a mesma denominação. É o ciclo da renovação da vida já, anteriormente, enunciado pela protagonista. Como “a cobra que morde o próprio rabo”, na Fazenda tudo se renovava dando continuidade a uma nova geração de seres que viviam ali; é ciclo da continuidade e da renovação que dá um novo rumo à vida daquela gente naquele lugar.

Assim como a serpente que morde a própria cauda, a protagonista Dôra volta para a Fazenda Soledade renascendo para uma nova vida, simbolicamente, Doralina “troca a casca”, pois ela jamais seria a Maria das Dores que outrora estivera ali, agora

ela seria a nova senhora da Soledade com os mesmos gestos, o pulso de Senhora sua mãe, condição que ela repudiava. Era o seu retorno definitivo.

A protagonista retorna para o lugar que é seu, não mais como senhorinha de outrora, mas sim como Senhora, no seu vestido preto, viúva e só: “procurava a todo instante me lembrar de como Senhora fazia; e tudo se repetia agora como no tempo dela, porque mesmo que eu quisesse não sabia fazer nada diferente, e então era a lei dela que continuava nos governando” (Queiroz 2004: 413).

Portanto, a fazenda era parte dela também e não havia sucumbido; renascia. A vida continuava e ela deveria aprofundar o contato com seu eu, amainando cada vez mais aquela dor, uma vez que esta resultava da conquista de sua autossuficiência. Ao final, registra: “Felizmente já faz tempo. Pensei que ia contar com raiva no reviver das coisas, mas errei. Dor se gasta. E raiva também, e até ódio” (Queiroz 2004: 14).

O ponto final dessa linha reflexiva é a crônica de Rachel de Queiroz de 1999, “A cobra que morde o rabo”, onde a autora conclui:

Mas o curioso é que viver não é um aprendizado. Um velho de cabelos brancos é tão inexperiente e crédulo quanto um menino, diante da vida. Cai nos mesmos tropeços, o menino ao aprender a andar, o velho que já não pode confiar nas pernas para cruzar os passos. E a gente acaba, na vida, no mesmo ponto onde começou. Como a cobra que morde o rabo (Queiroz 2006: 286).

Rachel de Queiroz, sem dúvida nenhuma, tem consciência de como o homem, em algum momento de sua vida precisa de um recomeço. Voltar sempre para um ponto de partida. A autora deixa isso evidente, em sua obra, através de suas lembranças expressas em alguns de seus romances. Na sua vida, não era diferente, pois esta ia e voltava constantemente à Fazenda Não Me Deixes, em Quixadá- CE, seu ponto de referência desde a infância.

Considerações finais

Por fim, em *Dôra*, *Doralina*, toda a narrativa é permeada pelo processo de deslocamento. A personagem enquanto está na estrada consegue fazer suas próprias rotas. Conhece o teatro e é através deste que consegue um emprego e realiza-se profissionalmente. Nesses caminhos, também encontra uma “família” por quem tem um grande carinho: Seu Brandini e Estrela. No navio que representa a metáfora do movimento de encontros e desencontros, idas e vindas, partidas e chegadas, ela conhece o amor da sua vida – o Comandante.

Verificamos que mesmo com os diversos deslocamentos da protagonista, em busca da construção de sua identidade, é somente na fazenda Soledade, após muitos anos ausentes, que é possível a personagem recuperar a si mesma. Dá-se então o retorno, onde Dôra recupera um lugar que é seu, tornando-se a Senhora da fazenda.

Afinal, como a própria Maria das Dores diz que no remate das contas, ela era filha de Senhora e tinha o exemplo de Senhora. E a casa dela, a terra dela, a marca

das pisadas dela para ela pisar. E sem Senhora atravancando a casa e lhe tomando a entrada de todas as portas – sem ela – lá é que era o seu lugar.

THE ROAD AND THE RETURN IN *DÔRA, DORALINA*, BY RACHEL DE QUEIROZ

Abstract: This article intends to show the way that the protagonist of the novel *Dôra, Doralina* (1975), by Rachel de Queiroz, constructs her identity in the path of the road with the wandering life she chose for herself. It is observed that some people keep their path in a single line, keeping the same identity during all their lives, others are changing lines at certain times, making their singularities and knowing other ways of being in the world. For Peixoto (1987), the traveler rewrites a story in every place that he passes, even he feels a huge desire to find where to stay, where he can take root that will serve as a reference source.

Keywords: road; identity; return.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução: José Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUEIROZ, Rachel. *Melhores crônicas*. São Paulo: Global 2006.

_____. *Dôra, Doralina*. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ARTIGO RECEBIDO EM 28/08/2012 E APROVADO EM 19/09/2012.